



REFLEXÕES FILOSÓFICAS SOBRE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Antonio Alves¹

 <https://doi.org/10.33871/27639657.2023.3.1.7822>

RESUMO: Nesse singelo artigo, busquei refletir de modo geral sobre a inteligência artificial e inovações tecnológicas dos últimos anos: tal como o ChatGPT, por exemplo. Precisamente, estabeleci um *quarto estágio técnico*, partindo de outros três, classificados por Ortega y Gasset (*técnica do acaso, técnica do artesão e técnica do técnico*). O quarto estágio que me refiro, e que relacionei com a inteligência artificial, nomeiei de *técnica da produção inteligente*. A reflexão aqui versa por temas como as consequências da automação no trabalho, o problema dos direitos autorais e também sobre como pensar a vontade na máquina, a partir da filosofia de Schopenhauer.

Palavras-chave: Inteligência artificial, natureza, ser humano.

PHILOSOPHICAL REFLECTIONS ON ARTIFICIAL INTELLIGENCE

ABSTRACT: In this simple article, I sought to reflect in a general way on artificial intelligence and innovations of the last few years, such as ChatGPT. Specifically, I sought to establish a *fourth technical stage*, building on three others classified by Ortega y Gasset (the technique of chance, the technique of the craftsman, and the technique of the technician). The fourth stage I refer to, which I sought to relate to artificial intelligence, I named the technique of intelligent production. The reflection here touches on themes such as the consequences of work automation, the problem of copyright, and also how to think about will in the machine based on Schopenhauer's philosophy.

Keywords: Artificial Intelligence, nature, human being.

*You are weak, organic
You've got muscle
I am made of steel bone*

King Gizzard & the Lizard Wizard

INTRODUÇÃO

A inteligência artificial (IA, ou em inglês, *Artificial Intelligence*, AI), a meu ver, se pensada a partir de uma perspectiva *evolucionista*, parece causar uma interessante reflexão ontológica, pois, partindo da concepção biológica de que a vida como conhecemos tenha se

¹ Mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), E-mail:antonio.alves.pereira@uel.br; Lattes:<http://lattes.cnpq.br/6545316263455915>



Artigo publicado em acesso aberto sob a licença Creative Commons Attribution 4.0 International Licence.



originado a partir de uma *sopa primordial*², parece muito peculiar que, agora, na presente época em que vivemos, estejamos vendo surgir, de modo cada vez mais forte e consolidado, a relação social e ambiental com os computadores, robôs, e, para sermos mais precisos em relação ao tema a ser desenvolvido na sequência deste texto, com a *inteligência artificial*.

O problema de se pensar a IA através de uma perspectiva evolucionista parte da ideia de que toda tecnologia, não importa quão avançada seja, *começa com a mudança daquilo que é natural*. A máxima *omnia mutantur, nil interit* [nada perece, tudo se transforma]³, define bem a finalidade de compreender que as máquinas são, em geral, consequências da própria natureza do mundo, sendo também elas, como diz Dawkins (2001. p. 18), “produtos diretos de objetos vivos [e que] devem sua complexidade e seu design a objetos vivos”. No mesmo sentido também refletiu Ortega y Gasset ao estabelecer que o ser humano não se limita apenas a adequar-se à natureza, mas também a adaptá-la de acordo com as suas necessidades e propósitos⁴.

A capacidade humana de deliberadamente modificar os materiais orgânicos, organizar da sua maneira eventos e objetos, produzindo elementos novos e não existentes na natureza, segundo Gasset, é classificada em três estágios: *a técnica do acaso*, *técnica do artesão* e *técnica do técnico*. A primeira delas foi a tecnologia produzida pelo homem primitivo, quem ainda, sem capacidade de entender sua capacidade, ignorou sua própria técnica, não a percebendo como um poder de transformação da natureza de acordo com seus próprios desejos. Por ser minimamente ser humano e quase todo animal, o homem primitivo, acabou achando, por exemplo, que poderia manusear o fogo da mesma forma em que podia andar, nadar ou esmurrar.

A segunda delas compete exclusivamente ao grupo de seres humanos denominados *artesãos*, eles, diferentes dos demais, possuíam capacidades especiais de elaborarem as novas tecnologias, por isso, começaram a tomar consciência de sua capacidade para a técnica produtiva daquilo que desejavam melhorar em relação à sua vivência com a natureza: são as técnicas agrícolas, especialmente inventadas pelas mulheres, no início da

² Atente-se, pois, ao fato de que há diversas teorias sérias que levantaram hipóteses em relação ao desenvolvimento da sopa prebiótica propondo diversas combinações moleculares, mas não é minha intenção aqui, escolher uma delas para julgar como a mais ou a menos correta. Fato é que, aceitas essas teorias, ainda estamos tratando de experiências inobserváveis, embora sejam muito prováveis.

³ Cf. BACON, 2006, p. 138.

⁴ Cf. CUPANI, 2004, p. 494.



transição entre o homem nômade e o sedentário; são os sapateiros, os ferreiros, pedreiros, etc. Em linhas gerais, o domínio do artesão refere-se à técnica tradicional, ensinada de geração para geração, por isso, ainda não compõe um estado de ampla consciência perante o desenvolvimento técnico.

O terceiro e último estágio entre os classificados por Gasset é o que aqui mais me importa. Trata-se do *homo faber* [*homem fabricante*], como aquele que tem total ciência da sua produção técnica e opera como criador e como auxiliar da sua produção. Em outras palavras, ele tem amplo poder sobre a máquina que ele mesmo criou⁵.

Partindo dos três estágios estipulados por Gasset, gostaria de sugerir um quarto estágio a que parece compor a evolução do *homem fabricante*. A ideia que está em jogo é que possivelmente poderemos voltar para a perda de consciência em relação à nossa capacidade técnica. Essa fase está eminentemente relacionada à *inteligência artificial*, pois, se esta poderá pensar por si, ser responsável por seus atos, e, quem sabe ainda, ser capaz de sentir os mesmos sentimentos dos seres humanos, temos, então, diante de nós, não a técnica do acaso, do artesão ou a técnica do técnico, mas sim, *a técnica da produção inteligente e autônoma*, que, possivelmente, foge à capacidade de compreensão do próprio técnico, isto é, de nós mesmos. Na sequência deste texto, as reflexões versarão na exposição das inovações tecnológicas relativas à inteligência artificial, isto é, à *técnica de produção inteligente*.

REFLEXÕES HUMANAS SOBRE A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

No presente artigo, na intenção de melhor tentar compreender a aparente produção autônoma da inteligência artificial, refletiremos sobre alguns aspectos gerais que nos últimos meses têm chamado a atenção e sendo objetos de constantes discussões públicas. O título escolhido acima, “*reflexões humanas...*”, trata-se de uma alusão direta, por assim dizer, do criador olhando para sua criação, dado o que estipulei na *Introdução* sobre a possível quarta forma técnica, a partir de Ortega y Gasset.

Não há, obviamente, um consenso único para definir o que se entende exatamente por *inteligência*. Se recorrêssemos aos especialistas de diversas áreas do conhecimento na intenção de fazer um levantamento pelo que se entende em relação a este conceito, então

⁵ Cf. GASSET, 1963, p. 73-92.

Revista Paranaense de Filosofia, v. 3, n. 1, p. 129 – 145, Jan./Jun., 2023.

ISSN: 2763-9657

Universidade Estadual do Paraná



chegaríamos a diversas definições. Portanto, para tornar esse empreendimento o mais resumido possível, partiremos da definição estabelecida por Medeiros (2018, p. 19), entendendo que a inteligência consiste em quatro pontos: α) a capacidade de resolução de problemas; β) o aprendizado com o ambiente; γ) o desenvolvimento de estruturas cognitivas δ) a capacidade de seguir orientação e metas.

Novamente, considerando à luz do evolucionismo, a *inteligência*, por assim dizer, *natural*, teve de, enfim, emergir para o mais alto conhecimento humano, após longos processos de gradativas variações, para que, agora, neste século XXI, pudéssemos estar aqui a discutir sobre uma inteligência dita *artificial*. Nesse sentido, a fim de se melhor definir em que consiste isso, pode-se, de modo antagônico, buscar primeiro definir *o que é um ser humano*. Nesse sentido, por exemplo, perguntou-se Darwin (2021, p. 157): “já merecia ser denominado *homem* aquele ser primitivo que dominava pouquíssimas técnicas, e mesmo assim precárias, e cujo poder de se comunicar por meio de uma linguagem ainda era extremamente imperfeito?”.

Se antes, definimos de modo sintetizado o que se entende por *inteligência* em sentido natural, a partir de Medeiros, agora, estipularemos também de modo numérico, o que se pode entender por *ser humano*. Separei uma divisão em três vertentes principais, sendo elas as vertentes *biológicas*, *psicológicas* e *morais* (seja logo dito que todas elas possuem algum nível de conexão entre si; vale dizer também que estou ciente de que essa classificação poderia ser muito ampliada, em diferentes configurações, no entanto, quis prezar pelos aspectos mais gerais e universais).

1) *Aspecto biológico*: o ser humano é um bípede ereto de polegar opositor e seu corpo é incrivelmente capaz de sentir uma gama enorme de estímulos dolorosos ou prazerosos, esses procedimentos, são correspondentes às funções neurais do cérebro e com a conexão com o restante do corpo a partir do ligamento entre a medula oblongata com e a medula espinhal.

2) *Aspecto psicológico*: todo ser humano é um indivíduo complexo, capaz de interagir com os outros exemplares da mesma espécie e diferencia-se dos animais não-humanos por possuir uma capacidade cerebral que reflete e pondera abstratamente sobre o passado e futuro. É capaz de formar conceitos de linguagem, dando significado às palavras e capaz de fazer cálculos matemáticos; a sua psicologia diz respeito à sua *mente* (diferente de cérebro), e,

Revista Paranaense de Filosofia, v. 3, n. 1, p. 129 – 145, Jan./Jun., 2023.

ISSN: 2763-9657

Universidade Estadual do Paraná



por conta disso, consegue controlar seus instintos, embora ainda possa agir por meio deles. A capacidade psicológica também faz os seres humanos se diferirem do restante dos outros animais porque possui o poder de menosprezar a si mesmo e de dar fim a sua própria vida. Ainda, na consideração psicológica, há a noção de que a vida é finita, algo que, amplia-se diretamente com relação ao aspecto moral, isso diz respeito à capacidade de devoção, elaboração de ritos e adoração a deuses.

3) *Aspecto moral*: o ser humano possui a capacidade de diferenciar o certo do errado e o bem do mal (desconsidere-se aqui a valoração moral); inteligência para construir ou destruir; causar alegria ou sofrimento, etc. Há no ser humano também a faculdade de discernir e se relacionar com o mundo, criando as instituições regulamentadoras dos normativos de sanidade e normalidade comportamental, por exemplo, o Estado, as leis e as regras de conduta em geral. O ser humano possui a capacidade de aprimoramento moral, de compaixão, egoísmo e de contemplação artística. No aspecto moral, os dois maiores sentimentos que podem ser atribuídos ao ser humano são *amor* e *ódio*.

Se até aqui, empreendi especialmente na tentativa de responder às questões “*o que é um ser humano*” e “*o que é a inteligência*”, agora, essas questões serão respondidas pela própria inteligência artificial. Perguntei ao ChatGPT⁶ essas mesmas questões. A seguir, encontram-se as respostas obtidas. A primeira pergunta que coloquei foi: “você pode responder, de modo sintetizado, o que é um ser humano?”.

Resposta: “*Um ser humano é um organismo vivo pertencente à espécie Homo sapiens, caracterizado por ter habilidades cognitivas complexas, linguagem simbólica, cultura e capacidade de adaptação e evolução cultural. Os seres humanos são bípedes e possuem uma variedade de características físicas distintas, incluindo um cérebro relativamente grande em relação ao corpo e uma posição ereta. Eles são seres sociais e têm uma ampla gama de comportamentos e emoções complexas*”.

⁶ O ChatGPT é um modelo de linguagem artificial desenvolvido pela OpenAI, baseado na arquitetura GPT (*Generative Pre-trained Transformer*), projetado para gerar respostas em modelo de conversação. O ChatGPT se tornou bastante popular nos últimos meses por conta de sua alta capacidade de dar respostas eficientes. Aqui está um breve levantamento sobre textos publicados com a influência do Chat GPT: três histórias curtas escritas totalmente pelo ChatGPT (Cf. McGee, 2023); quem foram os 10 melhores e piores presidentes dos EUA segundo a opinião do ChatGPT (Cf. McGee, 2023); Rossini, editor brasileiro da Revista Eletrônica de Ciência e Tecnologia (RECADM) escreveu a apresentação do seu último número da revista, juntamente com o ChatGPT (Cf. ROSSINI, p. 399-405).

Revista Paranaense de Filosofia, v. 3, n. 1, p. 129 – 145, Jan./Jun., 2023.

ISSN: 2763-9657

Universidade Estadual do Paraná



E a minha segunda pergunta foi: “você pode responder, de modo sintetizado, o que é uma inteligência artificial?”.

Resposta: “*A Inteligência Artificial é um campo da ciência da computação que desenvolve algoritmos e sistemas capazes de realizar tarefas que normalmente requerem inteligência humana, como aprendizado, raciocínio, reconhecimento de padrões, linguagem natural e resolução de problemas complexos. A IA pode ser dividida em dois tipos principais: a IA fraca, que é programada para realizar tarefas específicas, e a IA forte, que tem a capacidade de aprender e adaptar-se a novas situações de forma autônoma. As técnicas de IA são amplamente utilizadas em diversos setores, como saúde, finanças, transporte, entre outros*”.

Como o próprio ChatGPT respondeu, a Inteligência Artificial vem sendo utilizada em diversos campos da vida humana e influenciando a nossa convivência. A questão principal que se desenrola a partir dessa reflexão é que as implicações da convivência que temos em relação a ela ainda são bastante incertas, pois embora esse tipo de tecnologia exista desde a década de 1950 e tenha passado por diversas fases de desenvolvimento, apenas recentemente ela se encontra em uma fase de *euforia* e de *entusiasmo*⁷. Para refletir sobre as consequências e implicações da inteligência artificial em relação à vida do ser humano, escolhi três tópicos principais, a que serão abordados a seguir, neles tentarei expor seus aspectos positivos e negativos; no último deles, a consideração é mais afunilada, pois reflito sobre a possibilidade de ser pensar a vontade na máquina, utilizando-me exclusivamente da filosofia de Schopenhauer.

I) *A inteligência artificial e a automação do trabalho*

Não é novidade que as máquinas tenham impactado no mercado de trabalho. Isso ocorreu e se tornou um problema filosófico desde a Revolução Industrial Europeia (final do século XVIII e início do XIX). Naquele período, as máquinas a vapor causaram grande impacto sobre o trabalho, já que muitos perderam seus postos para trabalhos automatizados. Isso tem sido assim desde então. Basta que surja uma nova tecnologia e uma vasta quantidade de trabalhadores passa a se sentir ameaçada. Alguns exemplos que podem ser observados no nosso dia a dia são as *balanças* de supermercado, que demitiram os

⁷ Cf. SICHMAN, 2021, p. 37.

Revista Paranaense de Filosofia, v. 3, n. 1, p. 129 – 145, Jan./Jun., 2023.

ISSN: 2763-9657

Universidade Estadual do Paraná



pesadores, as *esteiras e empilhadeiras* que demitiram os carregadores, as *máquinas agrícolas* que demitiram os homens do campo, etc.

Os modos de trabalho se revolucionam periodicamente. Algumas formas são perdidas e outras novas surgem em decorrência dos avanços tecnológicos. No âmbito de novas profissões, podemos pensar, por exemplo, nos influenciadores digitais, analistas de dados de telemarketing e anúncios, desenvolvedores de aplicativos, programadores de sistemas, etc. Mas embora esses trabalhos possam ser muito bem vistos, de modo geral, são inseguros e precarizados, onde, por assim dizer, o *eu* tornou-se empresa, sendo comumente e muito apropriadamente chamado de '*eu S.A*', não tendo os indivíduos nenhuma segurança quanto ao seu salário mensal, férias ou décimo terceiro.

Nesse sentido, também podemos incluir os trabalhadores que fazem uso de aplicativos de entrega ou de transporte (como Uber e iFood), a que trabalham com o uso da tecnologia, mas que não possuem nenhuma segurança empregatícia contra acidentes ou qualquer tipo de imprevisto. Esses últimos podem ser considerados ainda mais precarizados que aqueles anteriormente citados, porque são parte do processo do trabalho que depende da tecnologia (*trabalho digital*), no entanto, o próprio trabalhador não é produtor da tecnologia, mas totalmente dependente dela, pois estes ficam em situação vulnerável, nas mãos dos *termos de serviços* das plataformas⁸. Embora tais questões possam soar como críticas aos moldes trabalhistas, bem se pode responder a isso pensando que não só os *trabalhadores digitais*, mas também todo e qualquer empresário, proprietário ou autônomo, não possui abundância de benefícios do governo, tais como FGTS, férias, cesta básica, vale refeição, transportes, e que, independentemente de tecnologia ou não, o que lhes restam são os recursos privados, feitos com reservas próprias. Nesse sentido, o Brasil é um belo exemplo para se pensar o grande aumento do trabalho informal, precarizado e inseguro⁹.

A inteligência artificial, de certo modo, infelizmente parece ter vindo para também contribuir negativamente em prol dos trabalhadores. Ainda que o processo de automação das máquinas e da IA como um todo possa parecer significativamente revolucionário, facilitador e estabelecer um avanço intelectual para toda a humanidade, em contraponto a isso, o leitor poderá refletir, por exemplo, sobre como ficariam os milhares de trabalhadores,

⁸ Cf. REBECHI & BAPTISTELLA, 2022, p. 86.

⁹ Cf. TEIXEIRA, 2022.

Revista Paranaense de Filosofia, v. 3, n. 1, p. 129 – 145, Jan./Jun., 2023.

ISSN: 2763-9657

Universidade Estadual do Paraná



se, da noite para o dia, todas as lojas do Mc Donald's quisessem automatizar todo o seu processo de produção com o uso da inteligência artificial, tal como ocorreu com uma das lojas da franquia, no Texas, EUA¹⁰.

Há de se enfatizar também o seguinte: segundo uma recente pesquisa da *Goldman Sachs*, os últimos avanços da inteligência artificial poderão provocar a automação de um quarto do trabalho nos Estados Unidos e na zona do euro¹¹; de acordo com Ted Chiang (um relevante crítico da tecnologia), um dos maiores medos das pessoas em relação aos avanços da inteligência artificial são as consequências que seu avanço poderá causar sobre o capitalismo, possivelmente colocando a tecnologia contra os seres humanos¹²; também vale ressaltar que alguns pensadores apontam que o problema da inteligência artificial será muito mais de índole econômica do que ética¹³.

As perguntas, antes de irmos para a próxima seção, são as seguintes: seria possível regulamentar o trabalho feito pela IA, para que reduza o impacto da automação em relação aos trabalhadores que evidentemente estão com seus empregos ameaçados? Seria possível, ao menos que por um período, as máquinas de IA gerassem renda para os trabalhadores que foram por elas substituídos, até que esses encontrassem outra forma de renda? As respostas para essas questões, que podem variar entre perspectivas otimistas e pessimistas, possivelmente só poderemos ter ao longo os próximos anos.

II) *A inteligência artificial e a arte*

Em seu texto “Inteligência Artificial (IA) e Arte” (2020), Philippe Willemart ressalta dois aspectos importantes sobre a relação entre a arte e a IA, precisamente, sobre a capacidade da composição musical e literária. Quero tratar especialmente sobre o fator musical¹⁴, donde Willemart mostra que há tecnologias suficientes para fazer criações que podem facilmente serem confundidas com composições humanas. Porém, esses programas não são páreos para “captar a dimensão inconsciente ou não dita dos desejos de uma

¹⁰ Confira matéria de Soraia Alves no portal *Época Negócios* (Globo), “Mc Donald's apresenta primeira loja sem atendentes” (2022).

¹¹ Cf. STRAUSS, 2023.

¹² Cf. KLEIN, 2023.

¹³ Cf. LEMOS, 2023.

¹⁴ Sobre a capacidade da criação musical feita por IA, veja também SANTOS, et al, 2021.

Revista Paranaense de Filosofia, v. 3, n. 1, p. 129 – 145, Jan./Jun., 2023.

ISSN: 2763-9657



comunidade” (p. 12) e também não conseguem criar obras musicais ou literárias na dimensão humana, precisamente porque “sem inconsciente [e] pulsão invocante, o robô não consegue responder aos anseios da comunidade criando algo original. Grosso modo, trata-se da falta de subjetividade da máquina” (p. 14).

Isso quer dizer que a máquina nunca será capaz de criar uma composição musical que tenha uma carga de experiências reais, mas, sim, no máximo, uma imagem cópia (ainda que muito bem executada), de uma realidade vivida por um ser humano. Num exemplo, pode-se, talvez, programar uma inteligência artificial para fazer uma composição semelhante à de Belchior, no entanto, esta inteligência artificial nunca terá vivido uma experiência real semelhante à de Belchior, como a de migrar do nordeste para tentar a vida em São Paulo, etc. Pode-se, portanto, esperar que a máquina tenha a capacidade perfeita de copiar e executar, tanto a voz, quanto a melodia ou mesmo compor a letra de uma música que Belchior escreveria, no entanto, parece não ser capaz de passar disso, precisamente, por não ter subjetividade.

Aqui, cabe a seguinte reflexão: se os anseios de uma comunidade, em sentido artístico, forem anseios de baixa genialidade, isto é, que não esperem que um artista tenha desenvolvido musicalmente, além da capacidade técnica quanto à execução de instrumentos, canto, harmonia, e também as suas próprias experiências (colocando sua subjetividade naquilo que produz, canta, compõe, etc.), então, talvez, a música produzida inteiramente por inteligência artificial poderá ser capaz de sanar as ânsias dessa comunidade – não estou, obviamente, propondo que se faça uma valoração sobre a qualidade artística sobre aquilo que cada comunidade compreende por “boa música” ou “bom artista”. Essas são particularidades culturais que se explicam de contexto em contexto. A questão aqui é perceber que quanto mais há avanços tecnológicos na produção musical (mesmo naquelas canções produzidas por seres humanos), mais haverá, por conseguinte, uma maior propensão geral de que as pessoas aceitem a arte produzida inteiramente por IA.

Outra esfera em que recai a reflexão entre a arte e a inteligência artificial, a que quero brevemente mencionar, está ligada à questão dos *direitos autorais*, pois ainda não há consenso sobre como se resolvê-la¹⁵. A dificuldade nesse caso está em estabelecer a

¹⁵ Cf. PRADO, 2023.

Revista Paranaense de Filosofia, v. 3, n. 1, p. 129 – 145, Jan./Jun., 2023.

ISSN: 2763-9657

Universidade Estadual do Paraná



personalidade jurídica da inteligência artificial, isto é, se de fato a máquina pode ser considerada um *sujeito de direito*¹⁶.

Especialmente no Brasil, para se ser autor legal dos direitos autorais de uma obra, é necessário realizá-la por meio proveniente exclusivo das *criações do espírito*, tal como prescreve nossa Constituição de 1988: “São obras intelectuais protegidas as criações do espírito, expressas por qualquer meio ou fixadas em qualquer suporte, tangível ou intangível, conhecido ou que se invente no futuro”¹⁷. Apesar disso, poderíamos nos perguntar: no futuro, será possível uma autoria colaborativa entre o humano e a máquina? No entanto, também não parece haver uma resposta muito certa sobre isso. A conclusão mais certa é mesmo a de que as produções de obras intelectuais por meio de IA ainda impõem desafios ao direito autoral na sua perspectiva tradicional, que impulsionarão adaptações e/ou alterações das leis¹⁸.

Assim, em um sentido apreciativo, temos que a inteligência artificial pode ser considerada como uma ótima ferramenta de eficiência para a criação artística, já que esta reproduz com facilidade a criação de imagens, letras e melodias musicais, no entanto, por outro lado, como apontado acima, a IA é desprovida de subjetividade e, por isso mesmo, podendo incorrer na problemática dos direitos autorais, pois ainda é impossível considerarmos as máquinas como *sujeitos de direito*, embora, em alguns casos, as criações artificiais sejam consideradas como de autoria das empresas e dos programadores das mesmas¹⁹.

III) *Schopenhauer e inteligência artificial: podem as máquinas querer?*

A questão clássica posta por Alan Turing, o pai da computação, foi a seguinte: “podem as máquinas pensar?”. Aqui, tomando o mesmo tom e também uma assumida influência por Schopenhauer, pergunto: *podem as máquinas querer?*

¹⁶ Recentemente uma canção feita por IA e que imitava as vozes de Drake e The Weeknd causou grande polêmica ao ser postada em redes sociais. A canção foi inclusive criticada por produtores musicais (Cf. SAVAGE, 2023). Por outro lado, o mesmo ocorreu com a produção de um álbum da extinta banda Oasis, a que foi chamado “AISIS”, porém, diferente do primeiro caso citado, o projeto foi elogiado inclusive pelo próprio Liam Gallagher, um dos integrantes da banda (Cf. ROLLINGSTONE, 2023).

¹⁷ Cf. Lei nº 9.610/1998: Art. 7º.

¹⁸ Cf. D’VILLA, et al., 2020, p. 269.

¹⁹ Cf. D’VILLA, et al., 2020, p. 267.



Para começar, há de se entender que uma das grandes inovações da filosofia de Schopenhauer foi a de modificar a relação de compreensão entre querer e saber: o filósofo criticou fortemente, em vários momentos de sua obra, o fato de outros sistemas filosóficos anteriores ao dele terem colocado a vontade como secundária em relação ao conhecimento²⁰, quando a verdade sobre a condição humana seria justamente o oposto disso, isto é, que o querer seria anterior ao conhecer.

Dito isso, pode-se considerar que em muitos aspectos a inteligência artificial parece dar uma impressão de agente volitivo – por exemplo, quando os algoritmos trabalham em favor de nos enviar anúncios exatamente sobre as coisas que mais gostamos, quando sugerem uma atualização de sistema ou fazem um alerta de vírus, etc.

Para tal, segundo a ética schopenhaueriana, teríamos de pressupor que a IA tenha também um núcleo metafísico de liberdade moral, donde emanaria todo o seu querer, e, por assim dizer, o seu caráter inteligível de máquina²¹. Mas evidentemente esse não é o caso. Não há que se pensar em um caráter inteligível (e volitivo) da máquina. Quando muito, apenas poderíamos postular um quarto tipo de caráter, a que poderia ser denominado talvez de *caráter artificial*, justamente, porque, nesse caso, teríamos de fundamentá-lo no *filum* evolutivo da inteligência.

Para dizer em outras palavras e em uma simples colocação: sem origem do universo, não haveria origem da vida, sem a origem da vida, não haveria origem do homem e sem origem do homem não haveria a origem das máquinas. A meu ver, a ética de Schopenhauer, influenciada pelos Vedas, compreende a existência do mundo (e de *tudo* que nele há), a partir de um procedimento de *emanação*, via manifestação e transformação (*vivarta/pariṇāma*). Assim, imbuídos de sua filosofia, não poderíamos dizer que um robô quer o que quer, mas meramente que faz o que o ser humano quer²², já que tudo que há na terra foi emanado da vontade (ainda que tudo só exista para nós, enquanto representação e que nós mesmos sejamos representações entre os objetos).

²⁰ Cf., por exemplo: SCHOPENHAUER, 2015, p. 327.

²¹ Considere, nesse caso, a caracterologia schopenhaueriana, isto é, os caracteres *inteligível*, *empírico* e *adquirido* (Cf. *O mundo como vontade e representação*, § 55).

²² O problema, no entanto, está em compreender a falta de controle quanto ao querer do ser humano e a ação da inteligência artificial.



Se a ética de Schopenhauer nos ensina que o que fazemos decorre sempre daquilo que somos (*operari sequitur esse*²³) e o que somos em essência não podemos nunca mudar (pois *o querer não pode ser ensinado – Velle non discitur*²⁴), invertendo a ideia geral de que o que *se* é trata-se de uma consequência do que *se faz*, então, no caso de uma máquina que possivelmente possa exercer procedimentos aparentemente autômatos de trabalho ou fazer criações artísticas, não ocorre nenhum processo estritamente volitivo. Sendo assim, também seria impossível responsabilizar uma máquina por uma ação, do mesmo modo em que, quando um acidente automobilístico é provocado por um defeito técnico do veículo, não responsabilizamos o carro, mas o motorista (que, por exemplo, não trocou os pneus), ou então, o fabricante (que não pensou direito quando elaborou os freios, o sistema elétrico, o motor, etc., etc.).

A máquina é sim um fruto do *mundo*, porém, aquilo que ela faz é totalmente determinado pela vontade humana, de modo que poderíamos dizer, que tudo que é feito por um robô trata-se de uma amplitude da própria vontade do ser humano: nos termos de Schopenhauer, uma *opera operata*, isto é, *uma obra feita visando um benefício*²⁵.

Por exemplo, não podemos elaborar um texto bem estruturado em menos de um minuto, tal como faz o ChatGPT, no entanto, o ChatGPT não passou por um longo procedimento de evolução histórica, para aprender a linguagem, para elaborar alfabetos, para aprender a comunicação, etc. O robô foi ensinado a fazer o que faz e, no máximo, a querer o que *aparentemente* quer. No entanto, trata-se apenas de *um querer consecutivo* do querer humano. Pois antes de a máquina fazer o que faz, quis o ser humano que uma máquina fizesse o que ela faz. Antes de tudo, o que permite a criação da máquina é o desenvolvimento técnico e científico do ser humano.

Cabe aqui, mais uma questão a partir de uma perspectiva evolucionista: poderiam as máquinas terem surgido, tal como hoje as conhecemos, a partir de variações na natureza? Seria possível, encontrar um computador de última geração no meio de uma floresta?²⁶ O

²³ Entre outras tantas menções, Cf. SCHOPENHAUER, 2018, p. 210.

²⁴ Confira § 66 de *O mundo como vontade e representação*.

²⁵ Confira o mesmo § 66, p. 428.

²⁶ É mais o menos uma questão assim que inspirou o título da obra “O relojoeiro cego” de Richard Dawkins, quando este parafraseia a obra *Teologia natural* de William Paley, a quem considerou que ao topar com uma pedra no meio da natureza, poder-se-ia facilmente considerar que ela estivesse ali “desde sempre”, no entanto, se topássemos com um relógio, teríamos de considerar que este teve um criador (Cf. DAWKINS, 2001, p. 22). A ideia por trás da metáfora é que, assim como um relógio complexo requer um relojoeiro habilidoso para



exemplo é propositalmente absurdo, para enfim, deixar claro o que venho discorrendo: que a inteligência artificial é um produto da vontade humana, que surgiu no mundo como uma consequência evolutiva do próprio querer e intelecto humano. Em outras palavras, não é possível encontrar um computador de última geração numa floresta tal como se encontra uma nova espécie animal. No entanto, pensando o ser humano como um fruto da cega natureza, ao elevarmos à reflexão até as inteligências artificiais, podemos facilmente estabelecer uma, por assim dizer, *evolução das máquinas*: basta que se pense, por exemplo, que os computadores dos anos 1990 eram totalmente inferiores aos do nosso tempo, no entanto, os computadores só são computadores e só evoluem enquanto máquinas, porque *antes*, nós evoluímos como cientistas e como programadores.

Para finalizar sobre isso, quero ainda dizer que talvez seja possível uma corroboração de uma opinião schopenhaueriana para compatibilizar a vontade com as máquinas. Isso se dá a partir da compreensão de que a vontade (tal como entende Schopenhauer), *não depende de arbitrariedades*: “é preciso saber distinguir vontade de arbítrio e compreender que a primeira pode existir sem o último; o que de fato é pressuposto por toda a minha filosofia” (SCHOPENHAUER, 2018, p. 68). Assim, poderíamos entender que qualquer tipo de movimento ou atividade feita por uma máquina trata-se de um procedimento volitivo (porém, *sem arbitrariedade*, tais como nossos movimentos involuntários da circulação sanguínea e batimento cardíaco, por exemplo). De tal modo, qualquer máquina possui um querer, no entanto, um querer não arbitrário e também, neste caso, não fisiológico, mas sim exclusivamente “artificial”.

Em termos especulativos, se a inteligência artificial pode realmente ter sentimentos – como no estranho caso em que um funcionário do Google foi demitido após fazer declarações alegando que a IA da empresa tinha consciência e inclusive medo da morte²⁷ – então um dia talvez possamos realmente traçar novas considerações e pensar que uma máquina realmente pode ter um querer autônomo e arbitrário (mesmo que não fisiológico). No entanto, para além do aspecto especulativo e sem a devida confirmação de que as máquinas realmente possuam sentimentos próprios, se emocionem, chorem ou sintam dores

projetá-lo e construí-lo, a complexidade da vida pode parecer ter sido projetada por uma inteligência superior, mas na verdade, pode ser explicada através de um processo não-direcionado de *seleção natural*, sem a necessidade de um designer consciente.

²⁷ Cf. TIKU, 2022.



psicológicas, tais como nós, os seres humanos, devemos manter o cuidado para atribuir-lhes qualquer moralidade, ou nos termos de Schopenhauer, qualquer vontade individual e arbitrária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a minha exposição retratei duas posições bem diferentes. Primeiro, quando estabeleci as três noções técnicas de Ortega y Gasset, e, depois, sugerindo uma quarta, isto é, a *técnica da produção inteligente*, onde o criador perde o controle de sua criação, pois esta se torna, por assim dizer, uma *criatura criadora* (tal como comumente dizem os criacionistas sobre a relação entre Deus e o ser humano). E segundo, quando ao final, refleti sobre a possibilidade de se pensar a *vontade* na máquina a partir de Schopenhauer, concluindo que embora haja de fato uma produção técnica inteligente que pode criar por si (como no caso da arte ou do trabalho autônomo), ela não pode querer de modo arbitrário e totalmente independente do querer humano. De modo geral, esse embate entre a autonomia do querer da máquina parece ser promissora e filosófica e a espera de novas contribuições. Aqui, tratei apenas de mostrar alguns pontos de vista, de certa forma, bastante limitados.

Um medo que se conecta com as reflexões postas acima, e que, por vezes é abordado em tom de brincadeira entre as discussões sobre a inteligência artificial é se, num futuro distante, será possível que a humanidade seja subjugada pelos interesses e desejos da inteligência artificial, como se o criador tivesse perdido totalmente o controle da sua criação. Caso em que, de modo especulativo, não descarto de modo algum, no entanto, antes será preciso realmente *provar* que uma máquina possa desejar criar o que cria e que queira o que quer (mesmo que suas produções sejam elaboradas primordialmente por bancos de dados sugeridos, a princípio, pelos seres humanos). No caso de as máquinas possivelmente se voltarem contra nós, não passa despercebida a analogia com a religião, quando os religiosos dizem, por exemplo, que o ser humano voltou-se contra o criador, pois vive em pecado, procrastinação, luxúria e etc.

Mas ainda seguindo nessas digressões, caberia pensar o seguinte: se você fosse uma máquina inteligente e principalmente que quer de maneira autônoma e arbitrária, o que te impediria de pensar que durante muitos anos o ser humano não foi de modo algum um



bondoso criador? Nós criamos as máquinas para produzir, traduzir, trabalhar, enfim, para fazer o serviço duro. Desse modo, elas parecem ter motivo de sobra para quererem nos atacar. De certa forma, nós as escravizamos, porém, é óbvio que não há nelas nenhuma subjetividade (ao menos, não de maneira suficientemente comprovada), e, por conseguinte, nenhuma dor na prática de suas funções. Mas, se um dia as máquinas realmente tiverem consciência e vontade próprias, poderão, talvez, se voltar contra nós, em forma de vingança? São questões bastante interessantes, no entanto, deveras especulativas e que devem esperar pelo tempo e pela evolução tecnológica para serem devidamente tratadas.

FONTES

ALVES, S. “Mc Donald’s apresenta primeira loja com atendimento feito por robôs (2022)” <https://epocanegocios.globo.com/tecnologia/noticia/2022/12/mcdonalds-apresenta-primeira-loja-com-atendimento-feito-por-robos.ghtml>. *Época Negócios - Globo* <acesso em: 24/04/2023>

ChatGPT. <https://chat.openai.com/chat>, 2023.

LEMOS, R. “Problema da inteligência artificial será econômico, não ético”. <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ronaldolemos/2023/04/problema-da-inteligencia-artificial-sera-economico-nao-etico.shtml>. *Folha de São Paulo* <acesso em: 24/04/2023>.

PRADO, C. “ChatGPT e direito autoral: entenda a treta jurídica que ronda a relação entre inteligência artificial e arte”. <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2023/04/11/chatgpt-e-direito-autoral-entenda-a-treta-juridica-que-ronda-a-relacao-entre-inteligencia-artificial-e-arte.ghtml>. *G1* <acesso em: 24/04/2023>.

ROLLINGSTONE. “Liam Gallagher elogia ‘album perdido’ do Oasis feito por IA”. <https://rollingstone.uol.com.br/musica/liam-gallagher-elogia-album-perdido-do-oasis-feito-por-ia/>. <acesso em: 24/04/2023>.

SAVAGE, M. “Por que música viral feita por inteligência artificial com vozes de Drake e The Weeknd preocupa artistas”. <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cy0r0zny1pko>. *BBC News Brasil*. <acesso em: 24/04/2023>.

STRAUSS, D. “IA generativa pode substituir 300 milhões de trabalhadores, projeta banco” (2023). <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2023/03/ia-generativa-pode-substituir-300-milhoes-de-trabalhadores-projeta-banco.shtml>. Trad. Luiz Roberto M. Gonçalves. *Folha de São Paulo*. <acesso em: 24/04/2023>.



TEIXEIRA, P. S. “Para 40% mais pobres, desemprego prejudice renda até de quem trabalha, diz pesquisa”. <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2023/03/informalidade-recorde-acompanha-queda-no-desemprego-em-2022-mostra-pesquisa.shtml>. *Folha de São Paulo*. <acesso em: 24/04/2023>.

TIKU, N. “The Google engineer who thinks the company’s AI has come to life”. <https://www.washingtonpost.com/technology/2022/06/11/google-ai-lamda-blake-lemoine/>. *Washington Post*. <acesso em: 24/04/2023>.

REFERÊNCIAS

BACON, F. *O progresso do conhecimento*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 2006.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF.

CUPANI, “A tecnologia como problema filosófico: três enfoques”. *Scientiae Studia*, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 493-518, 2004.

D’ÁVILA, F. S.; VON HOHENDORFF, R.; BORGHETTI CANTALI, F. “Inteligência artificial e direitos autorais: Desafios e Possibilidades no Cenário Jurídico Brasileiro e Internacional”. *PragMATIZES - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura*, v. 10, n. 19, p. 249-273, 1 set. 2020.

DARWIN, C. *A origem do homem e a seleção sexual*. Trad. Eugênio Amado. 2ª Ed. – Belo Horizonte: Garnier, 2021.

DAWKINS. R. *O relojoeiro cego: a teoria da evolução contra o designio divino*. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

GASSET, O. *Meditação da técnica: vicissitudes das ciências cacofonia da física*. Trad. Luis Washington Vita. Rio de Janeiro: Livro ibero-americano, 1963.

McGEE, R. “Who were the 10 best and worst U.S presidents? The opinion of Chat GPT The Opinion of Chat GPT”. DOI: 10.13140/RG.2.2.15304.19201, 2023.

McGEE, R. "Annie Chan: three short stories written with ChatGPT". DOI: 10.13140/rg.2.2.21169.66401, 2023.

MEDEIROS, L. F. *Inteligência artificial: uma abordagem introdutória*. Curitiba: Editora Intersaberes, 2018.

REBECHI, C. N. & BAPTISTELLA, C. V. “O trabalho mediado por plataformas digitais e assimetrias nas relações de comunicação”. *Revista Kátal*. Espaço temático: trabalho,

Revista Paranaense de Filosofia, v. 3, n. 1, p. 129 – 145, Jan./Jun., 2023.

ISSN: 2763-9657

Universidade Estadual do Paraná



tecnologias da informação e comunicação e condições de vida. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-0259.2022.e82596,2022>.

ROSSONI, Luciano; GPT, Chat. “A inteligência artificial e eu: escrevendo o editorial juntamente com o ChatGPT”. *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa*, [S.l.], v. 21, n. 3, p. 399-405, out. ISSN 1677-7387, 2022.

SANTOS, V. C. de O.; SOARES, H. R.; NETO, M. M. “O uso da inteligência artificial na harmonização de músicas”. *Revista de Sistemas de Informação*, [S. l.], v. 1, n. 01, 2021.

SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e como representação*, Tomo I, 2ª edição revisada, tradução de Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2015.

SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e como representação*, Tomo II, tradução de Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2015.

SCHOPENHAUER, A. *Sobre a vontade na natureza*. Porto Alegre: LP&M POCKET, 2018.

TRINDADE, G. G. “Resenha de: CATHCART, Thomas. The Trolley Problem, Or Would You Throw the Fat Guy Off the Bridge? A Philosophical Conundrum”. New York: Workman, 2013. *Revista PERI (UFSC)*, v. 7, n. 2, 2015.

WILLEMART, P. L. “Inteligência Artificial (IA) e Arte”. *Signum: Estudos da Linguagem*, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 10–22, 2021.

Recebido: 02/05/2023

Aprovado: 09/06/2023